

Intoxicação religiosa

Paulo Eduardo Alves de Freitas*



Neste breve texto temo ser mal compreendido, não por aqueles que pensam e procuram compreender o que lêem, mas por aqueles que ignoram os escritos em detrimento de seus preconceitos errantes. Todavia, o temor não pode ser uma barreira que me impeça de transcorrer o caminho da vida, que nasci apenas para trilhar, com louvor ou sem ele, meu fim é chegar ao fim; quando se dará um novo e último início.

Estou cansado! Cansado de tanta hipocrisia no meio religioso atual; falo atual porque não posso medir o tempo que não vive, e quero informar sobre o que percebo agora. Trato religioso como a Bíblia emprega o termo falsa religião. Quando falo em religião, declaro que por livre instinto, tendo ressaltar a que sigo, o cristianismo, e é sobre esta que estou falando. Quando penso em "religião tóxica", não penso na construção da palavra religião quanto à bíblia, pelo contrário, penso na corrente desconstrução desta palavra que tem existido.

Muitos segmentos "cristãos" atuais, dizem-se não serem religiosos, visto que para eles religiosidade é um pecado. Todavia, não deixam de viver algum tipo de religião, não pura e verdadeira como diz Tiago; vivem sim, uma falsa religião.

A religião cristã (assim que o não cristão vê – o cristianismo como um todo e como religião) tem estado em um estado de calamidade; pregações míopes, sermões vertiginosos, ascetismo impuro.

Até certo ponto chego-me a concordar com Karl Marx que a "religião é o ópio do povo". A religião tem estagnado o ser humano de caminhar rumo ao conhecimento, prendendo-o em homílias com excelente oratória, mas sem conteúdo real.

O "cristianismo" da conversa fiada, das pregações melosas e do poder "transcendental", tem ao invés de aproximar o ser humano de Deus, os distanciando tanto de Deus quanto dos demais seres humanos. Tal pseudo-evangelho tem levado muitos a crerem que o ostracismo para com o "mundo", é a melhor solução para ser feliz e santificado. O "mundo" que se dane, "não importa o que vão pensar de mim eu quero é Deus". Em nome dessas afirmativas, têm gerado escândalos e contendas para com aqueles que carecem da salvação eterna.

Esse "cristianismo" infame tem mostrado aos pseudo-cristãos que a única forma de vencer o mundanismo é se afastando dos pecadores, visto que como muitos afirmam "possuímos vestes brancas, juntarmo-nos com o mundo é permitir que fiquemos sujos", ou ainda outros: "nós cristãos estamos no alto, é fácil aqueles que estão em baixo nos derrubarem, e difícil nós que estamos em cima os trazermos para nós, por isso não devemos nos juntar a eles".

Afirmações como estas simplesmente demonstram o egoísmo que temos chegado, apenas pensamos em dinheiro, programações (leia-se festas), louvor (leia-se diversão musical) e tudo mais que infle nosso emocional, limpando nossas consciências da responsabilidade de evangelização e discipulado para com os não crentes. "Afim eles que venham à igreja, eu não posso ir até lá".

Fico intrigado com o pensamento medíocre que nos foi derramado goela a baixo. Deixamos de entender as simples palavras de Jesus ao comer entre os pecadores de que ele "não veio para os sãos e sim para os doentes", "veio para salvar o mundo e não para condená-lo", "veio para os que estavam perdidos", "veio para servir e não para ser servido", veio para estar com os seres humanos e não para se distanciar deles. O que Ele fez foi e é uma reconciliação da raça humana com o Pai, afim de que um e qualquer um possa ser salvo mediante seu sacrifício e poder.

Permitamo-nos entender que Jesus jamais disse que somos vestes brancas, ou que estamos em algum lugar alto, em relação aos não cristãos. Pelo contrário, na oração sacerdotal em João 17 ele deixa bem claro que por breve momento nosso lugar é estar no mundo, e seu pedido ao Pai é para que nos guarde a fim de permanecermos firmes na fé.

Quanto ao mais, o que Ele diz que somos não é pano (no caso de vestes brancas), mas sal e luz neste mundo de trevas. Nós somos luz, não há uma mera energia que nos acende e em determinado momento apagamos, nós brilhamos mediante o limpar sobrenatural que Cristo fez em nossas vidas, nos purificando de todo o pecado. O mundo não nos pode fazer cair, pelo contrário, nós é que temos o dever de guiar os descrentes para que vejam o caminho e andem por ele. As trevas não têm poder sobre a luz, aonde a luz chega as trevas se vão. Não fomos salvos para a reclusão, mas para o ministério da reconciliação. Não fomos salvos para nos escondermos, mas para sermos vistos, a fim de que o nome do Senhor seja glorificado através de nossas obras.

É preciso permitir que o verdadeiro poder do Espírito Santo adentre nossos corações, e nos desintoxique do mal da religião vã e falsa. É preciso que nos voltemos de maneira sincera e integra para a Palavra de Deus como aqueles que ainda têm muito a aprender dela e permitamos que ela renove nossas mentes e desintoxique-nos do falso saber que nos limita a conhecer quem o Senhor e sua vontade.

Glória ao Senhor!

* Paulo Eduardo Alves de Freitas, nascido aos 22 de setembro de 1981 é casado com Janaína Procópio e membro da Igreja de Deus no Brasil; bacharel em teologia pela Faculdade de Teologia Evangélica da Igreja de Deus (FATEID), graduando em filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). É professor de Metodologia Científica, disciplinas na área de Teologia Sistemática, Novo Testamento e Filosofia.